



1

**“EU GOSTO DE TRABALHAR NA ROÇA. EU GOSTO DE TRABALHAR NA CASA DE FARINHA”:** A AUTORIDADE DAS MULHERES FARINHEIRAS DA FAMÍLIA SÁ, NA COMUNIDADE DO RIO MUCUTÁ, NO MUNICÍPIO DE CURRALINHO/PA, NO ARQUIPÉLAGO DA ILHA DO MARAJÓ.

Alberto Flavio Furtado de Lima.

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia  
(PPHIST/UFPA).

E-mail: [flaviofurtado2003@yahoo.com.br](mailto:flaviofurtado2003@yahoo.com.br)

**RESUMO:**

O interesse em pesquisar sobre a temática das mulheres, em particular, sobre a autoridade das mulheres farinheiras nos respectivos espaços roça de mandioca e casa de farinha tem início com as visitas às casas dos pais e/ou responsáveis dos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Pau D’arco, localizada no Rio Mucutá, no município de Curralinho/PA.

O artigo analisou por meio da história oral de vida das mulheres farinheiras da Família Sá, no Rio Mucutá, no município de Curralinho/PA, no Arquipélago da Ilha do Marajó, na História do Tempo Presente a trajetória de vida dessas mulheres nos respectivos espaços roça de mandioca e casa de farinha a partir do contexto cultural da produção, circulação e comercialização da farinha de mandioca por meio do conhecimento e saber cultural utilizados na agricultura familiar.

O objetivo principal foi analisar se a tradição familiar por meio do conhecimento e saber cultural sobre o cultivo da mandioca e a produção da farinha de mandioca legitima a autoridade dessas mulheres farinheiras nos espaços roça de mandioca e casa de farinha através da história oral de vida dessas mulheres.

A metodologia escolhida está na História Oral, onde realizamos pesquisa de campo, entrevistamos, filmamos, fotografamos, etnografamos a vida cotidiana dessas mulheres



farinheiras. Todavia, para além dos diálogos com a metodologia utilizada pela História Oral, escolhemos dialogar com outro recurso metodológico: a prosopografia.

O principal resultado alcançado destacou que a tradição familiar com o cultivo da mandioca e a produção da farinha foi apreendido por meio do conhecimento e do saber cultural transmitido pela oralidade através dos seus pais e que a história oral de vida das mulheres farinheiras da Família Sá nos espaços roça de mandioca e casa de farinha legitimam a autoridade dessas mulheres.

Palavras-chave: Narrativas Oraís. Saber. Mulheres Farinheiras. Gênero. Autoridade.

## **1. AS NARRATIVAS ORAIS DAS MULHERES FARINHEIRAS DA FAMÍLIA SÁ.**

Inicialmente nos parece importantes algumas reflexões sobre a categoria memória e sobre a metodologia da história oral. Assim, conforme adverte José Carlos Sebe Bom Meihy “Toda memória é seletiva e dado que todo entrevistado tem liberdade e direito de escolha do que conta”.(2013, p.122).

A importância da reminiscência pessoal para a prática da história oral torna-a como uma possibilidade palpável de compreender e olhar a História das agentes históricas aqui tratadas, que não deixaram registros escritos sobre suas experiências em relação ao conhecimento e ao saber cultural aprendido pela vida cotidiana no trabalho na roça de mandioca e na casa de farinha, pois estes espaços possuem uma riqueza de detalhes, subjetividades, nuances percebidas e aprendidas na vivência das agentes históricas. De fato, conforme nos apontou Maurice Halbwachs em relação às memórias “uma rede de sociabilidade múltipla que estão envoltas, e a parte disso, emerge aquela que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem” (2006. p.12)

Diante das possibilidades da história oral (ALBERTI, 2005) valorizamos na pesquisa a história oral de vida das mulheres farinheiras da Família Sá, mesmo que haja possíveis devaneios, esquecimentos, traumas, pois tais memórias nos pareceram fundamentais para a compreensão daquele cotidiano na roça de mandioca e na casa de farinha. Mesmo



com os possíveis e prováveis esquecimentos da memória da matriarca da Família Sá, que no auge dos seus 88 anos de idade, ainda relembra passagens da sua infância interessante e até mesmo não muito felizes. Se isso é válido em termos individuais, no coletivo ganha dimensões ainda mais relevantes para a compreensão da vida cotidiana dessas mulheres. A prosopografia (STONE, 2011) permitiu-nos investigarmos as características comuns das agentes históricas a partir da história oral de vida da matriarca e suas filhas, no que se refere à tradição familiar do conhecimento e do saber cultural sobre o cultivo da mandioca e da produção da farinha. Além de fenômenos reiterativos como nascimentos, casamentos, morte e outras particularidades sobre a Família Sá.

Neste sentido, no dia 18 de março de 1935, nascera Francisca Nogueira de Oliveira, filha única do matrimônio de Jaime Rodrigues de Oliveira e Maria Nogueira da Silva. Segundo a colaboradora sua mãe veio a falecer no parto de um irmão seu, porém os filhos da colaboradora desconhecem essa história de um suposto irmão da mãe, mas a mesma reafirmara a história contada pelo seu pai.

Seu pai casou-se novamente com uma senhora de nome Leonor, que era conhecida no Rio Mucutá pelo apelido de Lulu, mas como diz nossa colaboradora: “se juntou, né!” e não tiveram filhos biológicos, somente filhos de criação.

Ao sabermos que nossa colaboradora é filha única, nossa reação foi de surpresa, pois percebemos que nessas comunidades ribeirinhas a tendência é que a maioria dos casais, principalmente os mais idosos tem mais de dois filhos, como é o caso de Dona Tereza, outra moradora do Rio Mucutá que teve 17 filhos. Portanto, nossa colaboradora é a exceção no Rio Mucutá, visto que é filha única. Entretanto, ela torna a ser tendência, pois, teve 9 filhos.

Francisca Nogueira Sá está com 88 anos, nasceu e foi criada no Rio Mucutá. Dona de casa, mulher farinheira, lavradora, agroextrativista, viúva, mãe de 9 filhos, todos vivos e todos nascidos e criados no Rio Mucutá e vieram ao mundo pelas mãos de parteiras.



A lembrança do tempo de menina na roça de mandioca e na casa de farinha relembra acompanhando o pai e a madrastra nos dois espaços possivelmente desde os 8, 9 anos de idade. Na sua infância chegou a manusear na casa de farinha com o ralador para cevar a mandioca que muitas vezes era feito de lata de óleo de soja, depois começou manusear a roda de madeira<sup>1</sup> pra cevar a mandioca, manuseou o tipiti<sup>2</sup> pra enxugar a massa já cevada e já mulher utilizou o motor movido à gasolina para cevar a mandioca conhecido como tarisca e/ou caititu<sup>3</sup>. E por último, em suas memórias de infância na casa de farinha relembra que ainda de madrugada no espaço da casa de farinha que este era iluminado com poronga<sup>4</sup> de breu ou lamparina<sup>5</sup> para que ela juntamente com seu pai e sua madrastra Lulu não ficassem totalmente no escuro durante a raspagem da mandioca. Ainda assim em suas memórias de menina relembra que em alguns momentos estava na casa de farinha e na roça de mandioca muito mais para brincar do que para trabalhar. Eram os momentos das brincadeiras, do brincar, mesmo que este fosse um momento efêmero. Ela relembra: “Brincar brincava, mas bem pouco né!”. Dona Francisca Sá relembra que suas brincadeiras de criança na roça de mandioca e na casa de farinha tinham como suas companheiras de brincadeira algumas de suas primas, parentes de sua mãe.

Segundo nossa colaboradora as brincadeiras nos dois espaços eram as mesmas, ela com suas primas brincavam de casinha de boneca, brincadeiras de roda, cantigas de roda,

---

<sup>1</sup> Roda de no mínimo 2 m de raio que era movimentada, por duas pessoas, por meio de duas manivelas, que acionavam o rolo de madeira para cevar mandioca.

<sup>2</sup> Tipo de prensa feita com fibra vegetal é um cesto com transado duplo, especial, de forma cilíndrica utilizado para o escoamento do líquido venenoso da mandioca – ácido cianídrico. Embora seu tamanho varie bastante, as mais comuns têm um metro de comprimento e, ao serem distendidas, alcançam quase o dobro do comprimento normal.

<sup>3</sup> Instrumento provido de um rebolo, ou cilindro com pequenas serrilhas, utilizado na ralagem da mandioca movido à gasolina.

<sup>4</sup> Poronga é uma luminária, uma lamparina que os seringueiros usam na cabeça para percorrer as estradas da seringa na floresta amazônica. Feita, geralmente, a partir de latas de óleo, o seu combustível mais frequente é o querosene. Acesso em 13 de agosto de 2023.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Poronga>

<sup>5</sup> A lâmpada a óleo, também designada por candeia, lucerna, lamparina ou lâmpada de azeite é constituída de um recipiente com algum tipo de óleo combustível, sobre o qual flutua um pedaço de madeira ou cortiça, com um pavio encerado fixo. Seu uso se estende desde a pré-história até aos dias de hoje.

Acesso em 13 de agosto de 2023.

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A2mpada\\_a\\_%C3%B3leo](https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A2mpada_a_%C3%B3leo)



pega- pega, esconde-esconde e seus brinquedos eram confeccionados por elas mesmas, como bonecas de pano, bonecas de vassouras de açai, palha de buço.

O cultivo com a mandioca e com a produção de farinha faz parte da história de vida da sua família desde pelo menos do seu pai Jaime Rodrigues que era roceiro, farinheiro e madeireiro. Seu Jaime nunca possuiu sua própria casa de farinha, ele fazia suas farinhadas nas casas de farinha de alguns dos moradores do Rio Mucutá, como por exemplo, na casa de farinha do Seu Simpliciano, que segundo nossa colaboradora era um dos poucos moradores a possuir casa de farinha.

Por volta do ano de 1958 com aproximadamente 23 anos de idade Dona Francisca Sá vai viver junto com Raimundo Moraes de Sá. Após 52 anos vivendo junto com ele somente em 12 de março de 2010, aos 74 anos de idade oficializaram o sacramento do matrimônio na Igreja Cristã Evangélica, no Rio Mucutá e passou a assinar Francisca Nogueira Sá.

O esposo de Dona Francisca Sá, não era natural do Rio Mucutá, mas do Rio Canaticu - outro rio pertencente ao Município de Currulinho. No Rio Canaticu trabalhara na extração da borracha, era seringueiro. Ele vem a conhecer o Rio Mucutá a convite do padrinho dele para trabalhar com ele “no riscar seringa”, mas com a decadência da extração da borracha, enveredou-se no ramo do cultivo com a mandioca. Foi nesse período que conheceu Dona Francisca.

Em 23 de Setembro de 2015, aos 80 anos de idade, Francisca Sá ficou viúva. Seu esposo faleceu aos 78 anos de idade de fibrose pulmonar<sup>6</sup>, no Hospital Regional do Marajó, em Breves, no Arquipélago da Ilha do Marajó. Portanto, Francisca Nogueira Sá nasceu em uma família onde o seu pai trabalhava com a roça de mandioca e produzira farinha de mandioca e também extraía madeira. Depois que se casou, manteve um dos

---

<sup>6</sup> Fibrose pulmonar é uma doença com fibrose e cicatriz nos pulmões. Ocorre um endurecimento e redução do tamanho dos pulmões progressivamente, diminuindo a captação de oxigênio e causando falta de ar./Causas: O pulmão pode fibrosar por inúmeras causas, a mais comum é o grupo da Doença Intersticial Pulmonar. Esse grupo inclui doenças crônicas e de evolução lenta, preferencialmente homens acima de 55 anos.

Acesso: em 08 de março de 2020.

Fonte: <https://www.minhavidacom.br/saude/temas/fibrose-pulmonar>



ofícios do seu pai, ou seja, o trabalho na roça de mandioca e na casa de farinha, pois em suas memórias sempre o trabalho deles foi à roça de mandioca e na casa de farinha: “Depois que casei, ia com meu marido (...). Com roça sempre, né! Sempre nosso trabalho foi esse!”.

Nos primeiros anos de casamento de Dona Francisca Sá e Seu Raimundo Sá mantiveram o trabalho na roça de mandioca e na casa de farinha somente eles dois, à medida que os filhos foram nascendo e crescendo e já atingindo uma idade razoável para colaborarem no trabalho na roça de mandioca e na casa de farinha, já tinham a participação dos filhos. Como ela mesma diz: “Quando tinha já os filhos que ajudavam, eram os nossos filhos. Mas no início era só nós!”.

Para dar continuidade a história oral de vida das mulheres farinheiras da Família Sá apresentaremos a primogênita da matriarca, Maria das Graças Nogueira Sá dos Santos que nasceu em 25 de Fevereiro de 1960. Atualmente está com 63 anos, é conhecida no Rio Mucutá como Dona Maria e entre seus irmãos tem o apelido de Mana, assim como sua mãe e seus irmãos nasceu e foi criada no Rio Mucutá.

As primeiras lembranças que ressurgem na memória da filha primogênita da matriarca é por volta dos 8, 9 anos de idade acompanhando sua mãe e seu pai na casa de farinha e em suas memórias vem à imagem do maquinário da roda de madeira que para a menina Maria era muito mais uma brincadeira, assim como raspar a mandioca também era muito mais uma brincadeira do que trabalho.

Quando busca as reminiscências das lembranças em ambos os espaços – roça de mandioca e casa de farinha - as lembranças não são muito claras, nítida se ia mais para brincar ou para trabalhar, mas segundo a colaboradora seus pais sempre trabalharam com roça de mandioca e com a produção da farinha. Lembrasse ainda que seus pais não possuíam a casa de farinha da família, relembresse que ela juntamente com seus pais e alguns irmãos faziam farinha na casa de farinha de dois moradores no Rio Mucutá, como seu Simpliciano e seu Antônio Costa, inclusive em sua memória o forno deste último morador era de cobre. Retomando as lembranças de Dona Maria sobre o



cotidiano com o cultivo da mandioca e sobre o cotidiano junto dos seus pais e irmãos, ela diz:

(...) Tinha dias que a gente ia, quando era pra nós tudo ir nós levava comida, nós ia cedo, ele todo tempo ele gostou de trabalhar cedo, de noite ele já saia pro trabalho dele. (...) Sei que o negócio de roça ele gostava. Ele saia de madrugada, se fosse pra arrancar mandioca, ele saia de madrugada 5 horas da manhã (...), 6 horas tava limpando a roça. Quando era 9 horas, 10 horas conforme o tanto de mandioca que fosse arrancar, ele já vinha de volta. Ele gostava de sair bem cedo. (MARIA DAS GRAÇAS, 2022).

Quando perguntada sobre o seu ofício, no que trabalhava, antes de responder pairou no ar um silêncio e um leve sorriso nos lábios de Dona Maria e em seguida veio à resposta: “Olha, trabalho na roça, fazer a farinha e na casa. Trabalho do dever de casa: lavar louça, varrer casa, lavar roupa, passar pano.” O interessante que ela enumerava nos dedos das mãos as tarefas domésticas e ria. E quando questionada sobre o que deveria ser as tarefas na casa de farinha, ela respondera: “Rapa mandioca, cevar, coar a massa, mais é isso! Torrar é difícil. Aqui e acolá que eu pego o rodo, mas é só um instante (...)”. Assim como fizera enumerando nos dedos das mãos os deveres de casa, assim o fizera enumerando as tarefas na casa de farinha e ria. Assim como sua mãe, Dona Maria se lembrara do tempo da roda de madeira, de puxar a roda de madeira para cevar a mandioca, mas como ela relembrou que não ia para trabalhar, ia para brincar com seus irmãos e/ou com os filhos dos convidados dos seus pais.

E na transição da menina Maria para moça Maria, o que antes era uma brincadeira no tempo de menina, no tempo de moça tornou-se seu ofício, pois agora já estava trabalhando na roça de mandioca, fazendo a roça, capinando, plantando, coivarando e na casa de farinha raspando a mandioca, coando a massa, preparando a massa para o forno e esaldando a massa para torrã-la.

Apresentaremos agora a filha caçula da matriarca, Alcilene Nogueira Sá Pereira, nascida no dia 02 de janeiro de 1979. Ela é conhecida no Rio Mucutá como Dona Ene, 44 anos, mulher farinheira e trabalhadora da roça, dona de casa.



As lembranças de infância da colaboradora dão conta que por volta dos 8, 9 anos de idade já estava acompanhando os pais e alguns dos seus irmãos na roça de mandioca e na casa de farinha. Transcrevemos um trecho de suas lembranças:

Assim, acho que uns 9. De 8 a 9 anos. A gente todos! Nós éramos muito! Nós somos 9 irmãos! A nossa vida era fazer farinha. A gente acordava cinco horas, a gente ia pra roça com o papai e a mamãe, a gente arrancava a mandioca, já passava o dia todo. Só a tarde já 5, 6 horas parava, vinha pra casa. De madrugada também, o papai já levantada pra gente ir 4 horas da madrugada. Não tinha energia nesse tempo era só a lamparina mesmo. Cada qual tinha a sua pra raspar a mandioca. Era assim muito.... É legal. Era legal, mas era pesado também. Trabalhava muito mesmo (...)No serviço da planta, da roça ele levava todos os pequenos, a gente ia (...) A gente ia plantar milho. A gente não ia pra certos tipos de serviço pesado, mas quando chegava a maniva, plantar o milho, a melancia que ele plantava muito. Ele gostava de plantar, a gente ia com eles logo. Quando era pra arrancar a mandioca, a gente ia também. (ALCILENE SÁ, 2022)

Em suas lembranças de menina todos os seus 8 irmãos estavam juntos com ela tanto no trabalho na roça de mandioca como no trabalho na casa de farinha. Em suas memórias de infância, ela lembrasse do cotidiano da sua família à época da plantação da roça de mandioca, assim como da produção, circulação e comercialização da farinha de mandioca.

Outra lembrança peculiar sobre a plantação da roça de mandioca e da casa de farinha diz respeito à demanda de trabalho em ambos os espaços. Dona Ene relembra que algumas vezes quando a demanda era muito grande, ela e seus irmãos mais trabalhavam do que brincavam e quando o inverso acontecia, para ela era mais divertido, pois tinham tempo para brincar e, quando os pais tinham os convidados, estes levavam seus filhos e a brincadeira era certa nesses dias que apareciam outras crianças. Dona Ene tem viva na memória as brincadeiras de infância na plantação da roça e na casa de farinha junto com seus irmãos. Ela lembrasse da sua casinha de boneca construída no quintal da casa de seus pais. A casa de boneca era construída por varas de madeira e coberta com folhas de bananeira ou folhas de sororoca idênticas às folhas de bananeira e segundo a colaboradora a casinha de boneca era completa, pois tinha de açúcar ao café e até



amassar açaí fazia parte da brincadeira, se a mãe liberasse até preparar o fogareiro para assar peixe fazia parte das brincadeiras de criança.

A dinâmica de levantar de madrugada para a plantação na roça de mandioca e para a casa de farinha se manteve a época da juventude, Dona Ene lembrasse que para a roça de mandioca ela e seus irmãos não iam muito, mas para a casa de farinha era frequente, principalmente quando a farinhada era grande, necessitando da presença de todos os filhos – as mulheres e os homens- de Dona Francisca Sá e de Seu Raimundo Sá:

A gente acordava mais de madrugada quando era pra fazer a farinha né!? Pra roça a gente tinha que acordar cedo pra ir pra roça pra plantar, porque na parte da roçagem a gente não ia com o papai pra roçar, era só eles que iam, os menino homem. A gente já chegava pra plantar a roça. A gente tinha que acordar cedo (...) a gente tinha que acordar bem cedo 4, 5 horas da madrugada. Levantava, fazia o café e nessa época não tinha nem energia solar, a gente tinha uma lamparida ou um lampião que chamavam a gás, a gente acendia e botava lá né?! Levava pra lá e todo mundo rapava a mandioca até 4 horas, quando tivesse clareando o dia a gente ia cuidar das outras coisas, mas de madrugada a gente só rapava, rapava pra amanhecer aquela quantia pra gente fazer a farinha. Ai amanhecia o dia, tirava uma das mulheres pra fazer o almoço e os serviços da casa. O resto ficava na casa de farinha até 6 horas da tarde. (ALCILENE SÁ, 2022)

E na memória da filha caçula da matriarca, sua mãe sempre estava presente, o tempo todo com o seu pai trabalhando nas tarefas na roça de mandioca, arrancando a mandioca, plantando. Tudo isso eles faziam juntos.

Há uma peculiaridade na história oral de vida da mãe e de suas filhas primogênita e caçula no que se refere às idades que elas lembrassem frequentando os espaços roça de mandioca e casa de farinha. Tanto a mãe Francisca Sá e suas filhas Maria das Graças e Alcilene possuem as suas primeiras reminiscências por volta dos 8, 9 anos de idade frequentando os dois espaços.

Há outra peculiaridade entre a mãe e uma de suas filhas, no caso, com a filha primogênita que diz respeito à agência e a autoridade na roça de mandioca e na casa de farinha. No caso da matriarca da Família Sá destacaremos a questão da dominação patriarcal, como afirma Max Weber:



“(...) (do pai de família, do chefe da parentela ou do soberano) não é senão o tipo mais puro de dominação tradicional. (...) A fidelidade inculcada pela educação e pelo hábito nas relações de criança com o chefe de família (...) E efetivamente, a associação doméstica constitui uma célula reprodutiva das relações tradicionais de dominação. (WEBER, 1979: 5).

A dominação patriarcal é interrompida na Família Sá quando o esposo da matriarca Raimundo Moraes de Sá faleceu de fibrose pulmonar e Francisca Sá assumiu a agência e a autoridade na roça de mandioca e na casa de farinha da sua família conjuntamente com seus filhos. A partir do advento da morte do patriarca da referida família, teve-se o início de um novo ciclo de dominação/autoridade, desta vez a carismática (WEBER, 1979), onde floresceu o simbolismo da herança, do pertencimento e valorização de estar naquele lugar desde criança, portanto, há respeito e autoridade em assumir aquela agência e autoridade nos espaços roça de mandioca e casa de farinha.

No caso da filha primogênita Maria das Graças, seu esposo Raimundo Nonato Moraes dos Santos, mais conhecido no Rio Mucutá como cuxiu<sup>7</sup>, por volta dos 50, 55 anos fora diagnosticado com várias doenças. Segundo o laudo médico expedido pelo Hospital Municipal de Currálinho<sup>8</sup>. Portanto, seu esposo acometido dessas inúmeras enfermidades ficou incapacitado de exercer seu ofício como mecânico geral de máquinas pesadas assim como na roça de mandioca e na casa de farinha, pois segundo cuxiu não dava mais conta de trabalhar e nem de fazer serviço grande.

Antes do acometimento das doenças do esposo, Dona Maria sempre esteve presente nas tarefas na roça de mandioca e casa de farinha. Com a doença do marido que foi se agravando ao longo dos anos, a colaboradora assumiu a agência e autoridade da produção da farinha com a colaboração dos filhos. As tarefas que eram do esposo em ambos os espaços, foram sendo assumidas pela esposa e pelos filhos.

---

<sup>7</sup> Entrevistador: E por que, tu tens esse apelido “Cuxiu”? (as aspas são minhas)

Entrevistado: Olha rapaz..., esse apelido é assim: porque na época que eu nasci, acho que não existia racismo, né?! Ai, meu tio me botou o apelido cuxiú, porque eu era chorão e buchudo igual ao macaco (Cuxiú sorri e eu dou uma gargalhada) igual ao macaco cuxiú

<sup>8</sup> No laudo médico expedido pelo Hospital Municipal de Currálinho, o paciente Raimundo Nonato Moraes dos Santos apresenta as seguintes doenças do UTD: diabetes CID10=E11, Angina do Peito CID10=I20.9 e Enfisema Pulmonar J43.8



Em um dos relatos muito singulares do esposo de Dona Maria, ele diz:

Olha às vezes vamos à roça eu fico triste quando eu vejo ela com o  
paneiro na frente e eu atrás sabe! Às vezes, eu deixo a bota porque não  
dou conta de trazer no pé! (Neste momento ele olha para Dona Maria  
que permanecia ao seu lado e diz: né nega?!) Não dou conta de andar  
com a bota, mas o destino da gente é esse né?! (Dona Maria responde  
com um sorriso afetuosos) (RAIMUNDO NONATO, 2022)

Portanto, ambas as enfermidades – a fibrose pulmonar do esposo da matriarca que veio a falecer e as inúmeras doenças adquiridas pelo esposo de Dona Maria impossibilitaram que ambos permanecessem na agência e na autoridade em suas respectivas roças de mandioca e casas de farinha. Assim mãe e filha tomaram para si a agência e a autoridade das roças de mandioca e das casas de farinha. Todavia, não devemos esquecer que essas representações de poder têm lugar em um determinado contexto social, construindo regras sociais no sentido de guiar os sujeitos, de certa forma, e os comportamentos desses sujeitos no sistema social. Sendo assim, o acometimento das enfermidades com seus respectivos esposos estabeleceu a descontinuidade da dominação patriarcal e conseqüentemente o início da dominação carismática validada pelas próprias mulheres farinheiras respectivamente mãe e filha, assim como dos demais filhos de ambas as mulheres e, no caso, de Dona Maria do próprio esposo e também dos moradores do Rio Mucutá e comerciantes que permaneceram validando a boa farinha produzida pela Família Sá.

No contexto da história oral de vida das mulheres farinheiras da Família Sá percebemos que a dinâmica da autoridade patriarcal fora mantida desde a infância, por meio dos seus pais e permaneceu na mesma dinâmica com o evento do matrimônio, onde tanto mãe e filha estavam subordinadas as ordens dos seus respectivos esposos que detinham naquele momento a agência e a autoridade tanto da plantação na roça de mandioca como na casa de farinha.

Portanto, a agência e autoridade das mulheres farinheiras da Família Sá na plantação da roça de mandioca e na casa de farinha está envolta em outro tipo de autoridade, desta vez a carismática, pois tais mulheres nasceram e estão naquele território desde a



infância, e para, além disso, também tem algo tão relevante quanto ter nascido e permanecido no lugar que é a tradição familiar em pertencerem a uma família que trabalha com o cultivo da mandioca e concomitantemente com a produção da farinha de mandioca a pelo menos 100 anos, tem o respeito pelo ofício de mulheres farinheiras e o reconhecimento das respectivas famílias, pois os parentes e familiares reconheceram e reconhecem a importância de Francisca Sá e Dona Maria, assim como Dona Ene de assumirem a agência e a autoridade dos respectivos espaço roça de mandioca e casa de farinha. A partir dessa perspectiva de análise, mãe e filha não foram meramente ajudantes dos seus respectivos esposos nas roças de mandioca e nem nas casas de farinha, ao contrário elas foram e continuam protagonistas, são autoridades em ambos os espaços e, não somente para as suas famílias, mas também no próprio Rio Mucutá.

Para, além disso, percebemos que esse reconhecimento da autoridade das mulheres farinheiras da Família Sá está envolta no que definimos por autoridade compartilhada entre os gêneros. Pois, tanto as mulheres quanto os homens detem o conhecimento e o saber cultural do cultivo com a mandioca, ambos os gêneros reconheceram e reconhecem o conhecimento e o saber cultural apreendidos pelas histórias orais de vida das mulheres e dos homens, pois apesar de haver a divisão sexual do trabalho na relação das tarefas nos espaços roça de mandioca e casa de farinha não demonstraram ser uma divisão sexual do trabalho rígida, engessada, ao contrário acontece um compartilhamento em relação às tarefas, por isso, percebemos que existe uma autoridade compartilhada no que se refere a divisão sexual do trabalho em relação as questões de gênero.

O cotidiano descrito vai além da perspectiva do trabalho, a interação social é um desdobramento de uma série de atividades que vai além das práticas culturais, tem a ver com o saber, o saber fazer, o conhecimento, as técnicas aplicadas para o cultivo da mandioca assim como com a produção, circulação e comercialização da farinha de mandioca expressa nas relações sociais, na dinâmica sobre a autoridade compartilhada entre as mulheres e os homens nos espaços estudados, onde é relevante o compartilhamento dos saberes culturais entre os gêneros..



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suas narrativas orais, as mulheres da Família Sá contaram por meio das suas memórias de infância seus cotidianos na roça de mandioca e também na casa de farinha no que se refere à apreensão do saber cultural relacionado às técnicas com o cultivo da mandioca e seus produtos derivados como, beiju, goma, farinha de tapioca, tucupí e, em particular, a farinha de mandioca. O que pudemos analisar durante as filmagens e entrevistas *in loco* é que essas mulheres são autoridades nos dois espaços, pois, elas detem muito mais do que o saber cultural, elas detem o saber ambiental, pois o saber plantar, o saber colher são as técnicas e o conhecimento que elas possuem sobre a natureza em relação ao cultivo da mandioca, assim como no processo da comercialização, onde elas aprenderam as técnicas de comercializar a farinha de mandioca, para quem vender como vender, a que preço vender.

Todavia, a atividade principal desempenhada por Junior na Família Sá é cuidar da roça de mandioca e da produção da farinha para as despesas da casa. Atualmente Francisca Sá encontrasse com a saúde debilitada por complicações na visão, devido o agravamento da catarata<sup>7</sup>que a impossibilita permanecer no cultivo da mandioca e na produção da farinha com mais frequência. Como ela diz: “É! Posso ajudar ele pouco. Até pra roça que eu ia com ele, agora não dou conta de ir mais.” Quando questionada se antes dos problemas de visão era assídua e frequente no trabalho na roça de mandioca e na casa de farinha, a mesma responde: “Eu ia. Capinava, ajudava arrancar mandioca e gostava de arrancar! Agora não dou conta mais e mesmo a minha vista que enxergo demais pouco!”.

Os resultados relevantes destacam que a tradição familiar com a produção da farinha de mandioca vem do saber cultural e conhecimento transmitidos pela oralidade através dos seus pais e que a trajetória de vida das mulheres farinheiras da Família Sá nos respectivos espaços roça de mandioca e casa de farinha legitimam a autoridade dessas mulheres. Observamos também que a produção, circulação e comercialização da farinha de mandioca além da lógica cultural é permeada pela lógica econômica e possibilitou-



nos compreender as práticas culturais, sociais, as relações de gênero e a própria autoridade dessas mulheres.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBERTI, Verena. Manual de história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005;

ALBERTI, Verena. O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado. CPDOC-FGV. Rio de Janeiro, 1996;

ALMEIDA, Carla Beatriz de. A prosopografia ou biografia coletiva: limites, desafios e possibilidades. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011;

BULST, Neithard. SOBRE O OBJETO E O MÉTODO DA PROSOPOGRAFIA. POLITEIA: Hist. e Soc., Vitória da Conquista, v. 5, n. 1, p. 47-67, 2005;

GIL, Tiago L. “Montando bases: alguns exemplos concretos” In. Como se faz um banco de dados (em história). 2a. ed., Porto Alegre: Ladeira Livros, 15 2021, p.133-173);

HALBWACHS, Maurice, 1877-1945. A Memória Coletiva tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. 224p;

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. História Oral: como fazer, como pensar. José Carlos Sebe Bom Meihy, Fabíola Holanda - 2ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013;

ROGEIRO, Nuno. Do Poder Legitimado - Os "Tipos ideais" de autoridade na sociologia política de Max Weber. POLIS n. 6 SETEMBRO-DEZEMBRO 1998, pp. 47;

STONE, Lawrence. PROSOPOGRAFIA. REVISTA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA V. 19, Nº 39: 115-137 JUN. 2011;

WEBER, Max. Sociologia. Coleção grandes cientistas sociais, n. 13. São Paulo: Ática, 1979.

## **FONTES ORAIS**



15

DOS SANTOS, Maria das Graças Nogueira Sá dos Santos. Entrevista com Maria das Graças, a filha primogênita da matriarca da Família Sá. [Entrevista cedida a] Alberto Flavio Furtado de Lima. Gravação em Vídeo. 17 de jan. de 2020;

DOS SANTOS, Raimundo Nonato Moraes. Entrevista com Raimundo Nonato, mais conhecido como Cuxiu. [Entrevista cedida a] Alberto Flavio Furtado de Lima. Gravação em Vídeo. 17 de jan. de 2020.

PEREIRA, Alcilene Nogueira Sá. Entrevista com Alcilene Nogueira Sá Pereira. [Entrevista cedida a] Alberto Flavio Furtado de Lima. Gravação em Vídeo. 1 de abr. de 2022.

SÁ, Francisca Nogueira. Entrevista com Francisca Nogueira Sá, a matriarca da Família Sá. [Entrevista cedida a] Alberto Flavio Furtado de Lima. Gravação em Vídeo. 16 de set. de 2022.